

ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA: POR OUTROS MODOS DE EXISTÊNCIA

BLINDNESS: FOR OTHER MODES OF EXISTENCE

Leandro Augusto do Amara^{1*}

RESUMO

José Saramago ao escrever o *Ensaio sobre a cegueira* coloca para avançar pela literatura algumas linhas de pensamento estranhamente potentes. O presente trabalho buscou analisar essas linhas e os circuitos flutuantes por elas produzidos, para tanto, a obra foi lida com a ajuda de tantas outras lentes: pensadores de diversos campos do conhecimento que serão convocados na busca por sintonizar o *Ensaio* como um manifesto pelas formas de vida autêntica. É bem verdade que há uma humanidade bem constituída: absorvida em amálgamas tecnológicas, treinada em maquinários políticos – mas o que a humanidade faz quando deixa de ser humanidade? É disto que o *Ensaio* trata – o que faz o homem quando ser homem é uma estepe vazia. No *Ensaio*, a precipitação do humano como um campo de intensidades disjuntas cruas ocorre por força impiedosa: a cegueira universal. Cega, a humanidade terá dois caminhos: tentar recolher a poeira das ruínas do homem ou pensar novas formas de se viver. Todos os ventos serão lâminas e todas as paredes serão masmorras. O belo e o positivo serão o que são: forças de uma natureza indomável. *O Ensaio sobre cegueira* pode ser lido como a narrativa da dolorosa jornada de uma não-humanidade pela criação de outros modos de existência.

Palavras-chaves: Ensaio sobre a cegueira, José Saramago; literatura

ABSTRACT

In writing *Blindness*, José Saramago uses literature to advance strangely powerful lines of thought. The present work seeks to analyze these lines of thought and the fluctuating circuits they produce. To this end, the text is read with the help of many lenses: thinkers from various fields of knowledge who will be called on to tune in to *Blindness* as a manifesto for authentic ways of living. It is quite true that there is a well-constituted humanity: absorbed in technological amalgams, trained in political machinery—but what does humanity do when it ceases to be humanity? This is what the Essay is about—what makes a man when being a man is an empty steppe. In *Blindness*, the understanding of the human as a field of raw disjunct intensities occurs through merciless force: universal blindness. Blind, humanity will have two paths: try to collect dust from man's ruins or think of new ways of living. All winds will be blades and all walls will be dungeons. The beautiful and the positive will be what they are: forces of an indomitable nature. *Blindness* can be read as the narrative of the painful journey of a non-humanity toward the creation of other modes of existence.

Keywords: Blindness, José Saramago; literature

1 SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*, 1995. (O número da página entre parênteses, após citação, refere-se a esta referência).



Três cegueiras

A única maneira de juntar as pessoas ainda é mandar-lhes a peste.
Albert Camus

Há pelo menos três cegueiras em *Ensaio sobre a cegueira* de José Saramago. Há a cegueira privada, que se dá apenas entre os olhos cheios de trevas e seu portador, produto de algum erro em relação ao suposto acerto anatômico da visão. Trata-se da menos dramática: é uma daquelas canções silenciosas que ecoam dentro de si mesmo. Há a segunda cegueira: essa é a dos escândalos intolerantes e dos silêncios bem portados, é a cegueira do *a priori* ordenado, a cegueira em que todos se olham e ninguém se vê. Trata-se da cegueira das miragens: paranoica e coletiva, extravasa de todos os poros para constituir armadura, asfixiar e intoxicar um débil sujeito que uiva de prazer. E há, num terceiro nível, a cegueira branca que, antes de tudo, é devoradora. Engole e dissolve tudo num vazio estarrecedor, uma desertificação tão profunda que se abstém do próprio deserto. As trevas brancas são a mão austera que fecha os dedos de ferro sobre o pano de fundo das historicidades e, num puxão violento, desnuda os sujeitos de suas relações, respeitamentos, cortesias, ritos, convenções, idealismos, leis, etc. – de todos os seus valores universais e sagrados.

O tecido amarrotado das arrogâncias, dos privilégios, dos silêncios caros e das assimetrias, cai ao chão para se estrear um horizonte branco e luminoso, potencialmente uniforme, sem nenhum favorecimento agarrado como inseto esmagado na parede. Uma digestão das ordens mudas das coisas.

Agora, pelo contrário ei-lo que se encontrava mergulhado numa brancura tão luminosa, tão total, que devorava, mais do que absorvia, não só as cores, mas as próprias coisas e seres, tornando-os, por essa maneira, duplamente invisíveis (SARAMAGO, 2007, p. 16).

A lona colorida dos circos é arremessada aos ventos, restando apenas estruturas retorcidas, suturas metálicas. As sustentações que dormitavam nas sombras são agora os últimos abrigos em toda uma desolação moral. A cegueira branca desmancha as miragens de superfície, e os sujeitos, ao voltarem os olhos para si mesmos, não podem mais ver o naturalmente homem bom, o ser cognoscente, à imagem e semelhança de Deus. Nada se vê: há apenas deformidade, e isso que se chamou de homem nada mais se torna que bicho fabricado.

Se, em *A metamorfose*, Franz Kafka (1997) liberta a diferença mais perversa para anteparar as relações entre os homens, José Saramago liberta a igualdade monstruosa, abundante, puro dispêndio. Se Kafka potencializa drasticamente a estética para derivar daí as moralidades, Saramago dissolve toda a estética numa sombra branca para deixar todas as moralidades desgarradas no vazio.

Todo o *Ensaio* pretende trazer à superfície a forma menos velada possível com que os sujeitos constituem relações consigo próprios e com os demais. Trata-se de um corte de navalha

sobre tudo aquilo que se acumulou como boas aparências, elegâncias, convencionalidades – pois, como bem sabemos, dadas as circunstâncias, até as mais perversas cadelas dormem inocentemente. O *Ensaio* fala sobre uma frágil miragem de alegria sempre ameaçada, cuja superação precisa ser posta em movimento. Trazendo de novo Camus:

Na verdade, ao ouvir os gritos de alegria que vinham da cidade, Rieux lembrava-se que essa alegria estava sempre ameaçada. Porque ele sabia o que essa multidão eufórica ignorava e se pode ler nos livros: o bacilo da peste não morre nem desaparece nunca (...). E sabia, também, que viria talvez o dia em que, para desgraça e ensinamento dos homens, a peste acordaria os seus ratos e os mandaria morrer numa cidade feliz (CAMUS, 2017, p. 173).

Quantos cegos fazem uma cegueira?

No início do romance *No caminho de Swann*, o escritor francês Marcel Proust nos diz algumas coisas muito interessantes em relação a percepção e memória: nem as mais insignificantes coisas da vida podem encontrar um “todo materialmente constituído”. Não somos percebidos como um universal homogêneo capaz de se mostrar idêntico para toda a gente, de forma que a percepção de nossa personalidade é criação alheia. Sobrecarregamos as pessoas com noções que temos a seu respeito para, assim, podermos vê-las: “a cada vez que vemos aquele rosto e ouvimos aquela voz, são essas noções o que olhamos e escutamos” (PROUST, 2006, p. 24).

Essa forma com que sobrecarregamos o mundo de noções para então acessá-lo deve grande fração ao canal dos olhos. As ditas janelas da alma são certamente a mais intensa força capaz de fabricar e de anexar almas alheias às pessoas na forma das percepções. Porém, mais do que enxergar, mais do que medir até onde se alonga uma dimensão ou observar de qual tom de cor algo é feito, os olhos precisam reparar, precisam ver. Quando se deixa de ver, as percepções se tornam miragens de superfície e a alma se decompõe em eufemismos. O que então fazer? A segunda chance para voltar a ver talvez consista em se tornar cego, pelo menos é que nos parece dizer Saramago no *Ensaio*.

Em um dia qualquer, com aparentemente nada de especial, surge um congestionamento causado por um veículo imóvel na via. Há uma confusão de buzinas e gritos de impaciência, alguns motoristas descem de seus veículos para estapear furiosamente os vidros fechados do carro inerte. O condutor consegue abrir a porta e enuncia: estou cego. Assim se inicia o enredo de uma das mais importantes obras do escritor português José Saramago.

O motorista cegado – o primeiro cego – é ajudado por uma boa alma regressa a casa. A esposa o acompanha até o oftalmologista, cujo diagnóstico inicial se restringe a informar “a sua cegueira, neste momento, é inexplicável” (p. 23). Não havia precedente, não se tratava de uma cegueira de escuridão, pois o cego confessava ver tudo branco e luminoso, aquelas trevas eram alvas e desconhecidas. A tal alma caridosa que havia ajudado o primeiro cego e, de quebra, lhe tinha roubado o carro, foi o próximo a cegar. Cegaram também o médico e os pacientes que

aguardavam no consultório, quando o primeiro cego chegou. Era o início de uma epidemia.

O médico, exercendo seu dever cívico, tratou de avisar o fato ao Ministério. Entre descasos e burocracias, o Governo passa a agir, colocando em movimento um plano de quarentena aos cegos e aos possíveis contaminados. Para segregá-los da população saudável, as vítimas do mal branco são conduzidas a um manicômio desativado e postos sob vigilância militar. A única ordem aos soldados é a de não permitir que os cegos deixem a área, utilizando-se de quaisquer meios possíveis para tal.

O romance acompanha sobretudo os cegos da primeira camarata do manicômio, que concentra as primeiras vítimas. Aparentemente, restou apenas uma pessoa que não havia cegado: a mulher do médico que, mesmo podendo ver, mentiu para acompanhar o marido. No manicômio desativado, os cegos passarão as piores semanas de suas vidas, descobrirão que as diferenciações entre animalidade e humanidade são convenções desenhadas por alguém bem-vestido e com o estômago cheio. Até que, libertos pelo fogo, os cegos passam a vagar pela cidade descobrindo que o exterior era de uma miséria pouco afastada da que haviam vivido na casa dos loucos. Uma terra de sombras para olhos iluminados.

A atmosfera sob a qual o *Ensaio* se retorce é sufocante, absurda, feita de vapores de pesadelo. Um mal invisível que chafurda toda gente em miséria fluida, compondo uma conjuntura absurda, mas absolutamente consonante com a realidade moderna: um enredo cimentado com doses letais do *Unheimliche* (estranho) freudiano. Há um plano de deslize obscuro que faz o *Ensaio* caminhar ao lado de *O processo*, de Kafka, mas, diversa do negativo jurídico que se fecha pegajoso sobre Josef K na maquinaria burocrática, a cegueira branca é um positivo impiedoso que quebra a máquina: um pesadelo como linha de fuga dos pesadelos.

O devir alegórico da escrita

Entre os estudiosos que se aprofundaram na investigação do conceito de alegoria se encontra Walter Benjamin (1984). Com base no pensador alemão, entendemos que a potencialidade do alegórico consiste em desterritorializar o texto em relação à sua função original, torná-lo um mecanismo de refração de sentidos.

A alegoria torna o texto um cristal límpido, bem estruturado com convencionalidades. Entretanto, ao mesmo tempo que o texto brilha com o universalmente compreensível, o cristal que lhe dá forma capta as tensões de paraísos perdidos, de significações profundas, secretas, obscuras... É sob esse jogo de espelhos que a alegoria faz o texto oscilar para além de si mesmo, fugir do nome plúmbeo da palavra, escorrer em liberdade e alcançar ruínas renegadas.

A alegoria se recobre de signos autárquicos, reveste-se do texto cristalino, cruza-se com esqueletos rígidos para alçar voos distantes, para ser algo totalmente distinto de sua aparente pele de absolutismos. O alegórico se conduz pelo texto em trincaduras infinitesimais,

sussurrando-lhe uma alma de infinitesimais liberdades. As palavras visíveis brilham intensas, mas tendem a ser efêmeras, ao se apagar. O rastro que fica é o das significações obscuras, por isso “a fábula é o gênero que mais se aproxima da alegoria pura, onde o sentido primeiro das palavras tende a apagar-se completamente” (TODOROV, 1970, p. 63).

O Mito da Caverna de Platão é provavelmente a alegoria mais conhecida do mundo ocidental. As trevas do mundo sensível e as luzes do mundo inteligível num encontro dramático compõem páginas que todos conhecem em *A República*. Podemos ler o *Ensaio* de Saramago como o Mito da Caverna pelo avesso. As luzes da razão que, exteriores à caverna sombria e aos acorrentados, desempenhava a revelação do belo e do perfeito, saturam a cidade moderna de Saramago.

A metanarrativa da razão talvez só tenha sido utópica enquanto idealizava a felicidade, pois ao ser levada a sério na produção moderna de regimes de verdades, de sistemas de práticas e saberes, sempre flertou com uma distopia mecanicista. É a partir de um mundo de princípios universais, de instrumentalização da comodidade, de adestração das indignações, de extorsão do trabalho, de monotonias produtivas, de diodos de relações humanas, que Saramago parte para compor sua alegoria. Um mundo tão banhado pela luz da razão que é capaz de cegar.

Quando a luz da razão passa a iluminar a si mesma, servir a si mesma, implica o desprendimento de qualquer função historicamente entendida como guia dos homens. Em outras palavras, a saturação da razão conduz os homens a um estado de engrenagem de um grande projeto de modernidade iluminada. No *Ensaio*, a possibilidade de ultrapassar essa cegueira iluminada está ironicamente em retornar à caverna.

A caverna, sobretudo personificada no manicômio desativado, compõe a virtualidade de um lugar antropológico de estabelecimentos de conexões não-cegas entre grandes atos de crueldade e tímidas expressões de altruísmo. A cegueira produzida pelas fartas luzes se torna uma prática de hermenêutica e, de certa forma, uma destruição e uma negação feroz da conduta pautada numa paideia platônica.

A cegueira branca empurra toda a gente para as cavernas: Saramago dissolve as identidades ao ponto de as personagens sequer serem identificados por um nome próprio. Nem a estruturação gramatical dos diálogos escapa à dissolução identitária. Ao eliminar do texto os travessões, pontos de exclamação e de interrogação (é certo que prática habitual em outros romances do autor), Saramago coloca para reinar o ritmo fluido da oralidade e da profusão das ideias. As reflexões e identidades não possuem sentido no manicômio, nenhum estrato de individualização terá valor para cegos que precisam descobrir a própria humanidade em si: “Dentro de nós há uma coisa que não tem nome, essa coisa é o que somos” (p. 262).

A cegueira branca faz o homem Camelo duas vezes, em uma metamorfose nietzschiana incomum (NIETZSCHE, 1998). O Dragão de áureo fulgor, em cujas escamas se lê em dourado

toda a Lei, é atingido e posto para morrer pelo mal branco. Ventos contrários lançam sobre as costas do Camelo desamparado toda sorte de novos mundos, paixões, medos, desejos. Ao duas vezes Camelo resta a dolorosa escolha de ou se voltar contra o Dragão morto para tentar revira-lhe as vísceras em decomposição na busca de consolos frios, ou rugir até a garganta sangrar e de uma pele de Leão nascer novamente ao dar vida às suas cargas e obstáculos: ser Criança.

José Saramago trata de assuntos obscuros, atuais, difusos. Fala de ruínas, de perdas de si próprio, de desolação e desprezo, mas também fala de resistência, de criação, da multiplicidade intensa da vida. É por isso que a alegoria é a melhor melodia de um *Ensaio sobre a cegueira*. “O que poderia ter sido descrito de acordo com as técnicas, os modos e os processos do romance realista, passara a ocultar-se por trás dos véus da alegoria para assim se tornar mais visível” (SARAMAGO, 2007, p. 98).

Como age um governo numa epidemia de cegos?

A atuação do Governo durante a epidemia de cegueira branca traduz mecanismos de um Estado insensível a imprevisibilidades, aos sem precedentes. É sem dúvida um Estado moderno na burocracia, na vigilância, na economia, na diplomacia, logo, com mecanismos afiados de controle de populações. A biopolítica sustentada pelo Estado dos cegos é um ordenamento em todas as esferas possíveis do controle à vida, com dispositivos capazes de coordenar a disposição de corpos no espaço, reparti-los, deslocá-los, examiná-los, eliminá-los. Entretanto, uma biopolítica tão difusa em suas linhas de ação ainda mantém formas arcaicas de controle que remetem à alta idade média com a segregação do leprosos no mundo ocidental.

E não é somente a forma como o mal branco é tratado oficialmente pela política governamental que resguarda as vértebras oxidadas de práticas e saberes invocados de séculos sepultados, mas a própria sensibilidade social diante da patologia desconhecida das trevas brancas é medievalesca. “O medo lá fora é tal que não tarda que comecem a matar as pessoas quando perceberem que elas cegaram” (SARAMAGO, 2007, p. 129).

Uma doença parece uma fabricação de pinças duplas, um esqueleto estruturado cientificamente e uma pele estendida socialmente. O estigma encontra, talvez mais que em todos os outros lugares, múltiplas formas de se precipitar a partir das doenças enquanto matéria-prima. Há uma dimensão social extremamente venenosa a tutelar as doenças, a perseguirem-nas como espectros. São os mesmos fantasmas de uma leitura social que relacionaram, por exemplo, a peste negra e o flagelo divino, as doenças venéreas e a promiscuidade, a tuberculose e a sensibilidade artística, a hanseníase e o oriente, a AIDS e a homossexualidade. Depressão, obesidade, bulimia... Por que é tão cômodo e repetido ao longo da história, utilizar-se de gigantesco quadro de preconceitos para se lidar com os males alheios?

No *Ensaio*, a instituição médico-científica não desempenha nenhum papel relevante. Sem tempo para pesquisas, acumulação de informações, sistematizações, formas de tratamento, o Hospital diante da cegueira branca é só uma potencial vítima, estando tal ponto bastante explícito no figura do oftalmologista como um dos primeiros cegos. Desamparados de qualquer mediação positivista da medicina, o Governo lida com o cegueira branca através de um aparelho jurídico-social, legitimado pela forte suposição de que o mal branco era uma forma de patologia epidêmica.

O governo tateia às cegas na busca de uma forma para lidar com a crise epidêmica que avança sem parar rumo até o último par de olhos. Todas as estruturas pensadas e construídas cuidadosamente transformam-se em labirintos ásperos, da sala de estar a toda a cidade, um passo descuidado pode se concluir em um pescoço quebrado. É a destruição total de um mundo que antes tão bem atendia aos que podiam vê-lo.

Mas o que era esse Mundo da pré-egueira? Era sobretudo um Mundo sem gente, uma terra de frequência constante para manter o padrão de humano em seus limites, um Mundo feito para não fugir de si mesmo sem visitar outras terras e outros povos, expandir percepções e rotas de movimento. O *Ensaio* parte de um mundo funcional, tecnicamente imediato, um mundo de medos terríveis que estimulam os sujeitos a se fecharem em suas próprias cascas, pensar suas relações a partir de si mesmos. É um mundo de profundas cegueiras. “São palavras certas, já éramos cegos no momento em que cegámos, o medo nos cegou” (SARAMAGO, 2007, p. 131).

As trevas brancas caíram sobre um mundo de desolações invisíveis, de miragens lustradas. Cega-se um homem já cegado, um homem posto em forma de engrenagem. “Um homem não mais se comunica diretamente com seus semelhantes: os órgãos, as funções, participam de uma “montagem” maquina, que coloca em conjunção cadeias semióticas e todo um cruzamento de fluxos materiais e sociais” (GUATARRI, 1987, p. 181).

Os cegos na casa dos loucos

Após o Ministério tomar o mal branco, pelo menos inicialmente, como patologia infecciosa, foi decidido pôr em prática um programa de quarentena aos cegos e aos “suspeitos” de estarem infectados. Uma quarentena “que tanto poderão ser quarenta dias como quarenta semanas, ou quarenta meses, ou quarenta anos, o que é preciso é que não saiam de lá” (SARAMAGO, 2007, p. 46).

Para abrigar os cegos “Temos um manicômio vazio, devoluto, à espera de que se lhe dê destino” (SARAMAGO, 2007, p. 46). Assim como os leprosários da idade média serviram de depósito para os loucos durante os internamentos iniciados no século XVII, os manicômios vazios de Saramago abrem os braços para receber os cegos, como se de tempos em tempos fosse preciso excluir os amaldiçoados com tijolos e ignorância (FOUCAULT, 1978).

No manicômio, os cegos e os potenciais infeccionados foram dispostos em duas alas separadas. Os primeiros cegos ao chegarem ocuparam a mesma camarata, ficando bastante claro como seriam as coisas dali em diante: “aconteça o que acontecer, uma coisa sabemos, ninguém vos virá ajudar, por isso seria conveniente que nos começássemos a organizar já” (SARAMAGO, 2007, p. 52).

O manicômio, além de possuir todo o perímetro cercado, foi guardado por militares armados com a única de ordem de impedir qualquer fuga. Além das alas com as camaratas, o manicômio possuía um anexo higiênico. Não tardaria muito para que mais de duzentas pessoas ocupassem aquelas instalações.

O policiamento levado a cabo pelos militares desempenha um papel bastante marcante na ordem do manicômio. A forma como a vigilância armada se impõe em torno dos cegos explicita uma cisão do Estado com os confinados, tendo como único objetivo estabelecer e assegurar um limite geográfico do confinamento. Não há um movimento interior de controle, tão característico da racionalidade do Estado diante dos civis saudáveis. Os cegos são sujeitos tóxicos, perdidos, impossibilitados de salvação, cujo controle interno nada vale para o Estado, é preciso apenas que se mantenham segregados, nem que para isso seja preciso usar do assassinato. “O medo fez gelar o sangue do soldado, e foi o medo que o fez apontar a arma e disparar uma rajada à queima-roupa” (SARAMAGO, 2007, p. 80).

A violenta repressão encarnada pelos guardas do manicômio se sustenta num liame bastante delicado: ao mesmo tempo que flerta com o extermínio da vida também se encarga de tutelar o direito à vida dos cegos trancafiados, uma vez que a eliminação sumária de corpos infectados seria a forma mais rápida e eficiente de conter uma epidemia à vista de um Estado sem remorsos: “O sargento ainda disse, Isto o melhor era deixá-los morrer à fome, morrendo o bicho acabava-se a peçonha” (SARAMAGO, 2007, p. 89). O fato de a vida dos cegos ser garantida remete à ideia de direito na estruturação política moderna, o direito primitivamente entrelaçado com a legitimidade e autorregulação do Estado: “não ultrapassarás esta linha, não desconsiderarás este direito, não violarás esta liberdade fundamental” (FOUCAULT, 2008, p. 17).

Como funciona um manicômio de cegos?

Pois imaginem agora um homem a quem, além de suas pessoas amadas, roubem-lhe também a casa, os costumes, as roupas, tudo, literalmente tudo o que possui: será um homem vazio, reduzido ao sofrimento e à necessidade, vazio de dignidade e de juízo, porque àqueles que perderam tudo ocorre que se perdem a si mesmos. (LEVI, 1988, p. 25)

Os cegos enclausurados, caídos de joelhos sobre restos de identidades em plena decomposição, precisariam se adequar à arquitetura paranoica do manicômio, à linha de morte

traçada pelos policiais em misto de medo e crueldade, ao temor e ao egoísmo daqueles sob a mesma condição e a um regime de higiene e nutrição que faria surgir como doutrina a simples máxima: “Se não formos capazes de viver inteiramente como pessoas, ao menos façamos tudo para não viver inteiramente como animais” (SARAMAGO, 2007, p. 119).

A comida era trazida em caixas, sempre atrasada, sempre insuficiente, sempre básica. O modo como a comida era destinada aos cegos parecia uma forma híbrida de oferenda a uma entidade maligna cujo rosto não se ousava ver e de esmola humanitária a criaturas que não mereciam ser tomadas como humanas. A comida desempenha uma centralidade importante nas relações dos cegos, é a gravidade que atrai os enclausurados para fora de seus limites de homens, fazendo-os oscilar com a animalidade, pois “são deste calibre as razões do estômago, não atendem a nada, mesmo quando é para seu bem” (SARAMAGO, 2007, p. 90-91). É a necessidade da comida que gera as primeiras assimetrias, é em nome da fome que as repartições já nascem desiguais, é pela fome que os cegos se aproximavam da truculência dos policiais.

As duas centenas e meia de cegos enclausurados desenvolvem, como se pode imaginar, uma dinâmica higiênica caracterizada pelo insuportável. As sentinas do manicômio logo chegaram aos limites máximos da capacidade de abrigar os resíduos fisiológicos, de modo que os enclausurados “tornaram os corredores e outros lugares de passagem em retretes que começaram por ser de ocasião e se tornaram de costume” (SARAMAGO, 2007, p. 123).

O manicômio dos cegos distende ao máximo tudo o que se concebia como humanidade ou dignidade humana. Tudo é retirado dos cegos presos, o que os mantém vivos precisa ser criado diariamente, o objetivo dos cegos ali confina com a pálida vontade de se manterem vivos. “Hoje, e aqui, o nosso objetivo é aguentarmos até a primavera. No momento, não pensamos em outra coisa” (LEVI, 1988, p. 102).

Nunca devemos clamar vitória sobre o cão bastardo

“Então a mulher do médico, aterrorizada, viu um dos cegos quadrilheiros tirar do bolso uma pistola e levá-la bruscamente ao ar. [...] Está dito e não há volta atrás, a partir de hoje seremos nós a governar a comida” (p. 140). E desta maneira se levanta um golpe de cegos contra cegos.

Um grupo de cegos de uma das camaratas se arma com paus e pedras encontrados nos arredores do manicômio e, liderados por um cego com uma pistola, resolvem controlar toda a já esparsa comida trazida pelos soldados. Um disparo para o alto demarca a chegada de um horizonte negro de autoritarismos, dali em diante “a comida passa a ser vendida, quem quiser comer, paga” (SARAMAGO, 2007, p. 140).

Os cegos das demais camaratas não se deram ao luxo de hesitar diante do absurdo ali posto pelo cego da pistola, como se aquele levante não merecesse nota de surpreendente. Após

serem informados de como se daria desde então o regime da comida, os cegos da primeira camarata lidaram com a questão de forma bastante pragmática: obedientes, coletariam tudo de valor que possuíam e entregariam aos cegos armados em troca do que lhes era essencial. Durante a operação comercial, os dois representantes da primeira camarata perceberam como os cegos malvados em tão pequena quantidade de tempo haviam se estruturado, uma camarata inteira havia se constituído como uma quadrilha, não só se haviam armado com ferros de cama, paus e pedras, como haviam posto um cego que podia ler e escrever em braile para tomar nota dos pagamentos fornecidos por cada camarata e criaram um sistema de segurança ao usar as camas como barricada na porta da camarata. “Estão organizados, pensou, isto não nasceu de um improviso” (SARAMAGO, 2007, p. 145).

Como se dá um levante armado numa massa de pessoas obrigadas a viverem juntas? Os cegos de toda uma camarata terem descambado para uma formação coletiva autocrática não é, de fato, motivo de perplexidade. Esses movimentos de roubo e distorção das possibilidades de governabilidade são sustentados por frequências individuais egoístas que se sobrepõem em uma ressonância coletiva, um feixe de egoísmos bem amarrados. Essas ressonâncias difusas, de movimentos pacientes, de paixões paranoicas, dão corpo ao que aprendemos a chamar de fascismo.

O fascismo, portanto, não está sob domínio das notas de historiadores. Que o fascismo de Mussolini tenha nascido e sido derrotado no século XX todos sabem, entretanto, uma certa maneira de se apaixonar pelo poder do subjugo nasceu muito antes do fascismo histórico e é, pelo menos, tão antiga quanto o racionalismo grego; e certamente sobrevive à segunda guerra, estando presente na experiência de cada novo dia. É a isso que chamaremos simplesmente de fascismo. Nada mais é do que aquilo que Umberto Eco chamava de Ur-Fascismo – fascismo eterno (ECO, 1998).

Que está escrito na máscara mais interna do fascismo? Qual o seu primeiro nome? É certamente uma questão com resposta contraditória, uma vez que toda forma de fascismo é uma costura oportunista de espectros flutuantes, sequer há ali a sombra de uma filosofia própria. Mas, ao olharmos fundo nos olhos daqueles seduzidos pelo fascismo, perceberemos que o fascismo é desprezo, como nos diz Albert Camus. O fascismo é o desprezo aos sofrimentos alheios, à dignidade, à beleza da diversidade; é por desprezo à vida que o fascismo se entrelaça com opressão, racismo, roubo, mentira, paranoia, hierarquização, segregação, arrogância, cinismo, preconceito, assassinato...

O desprezo tende a adormecer suavemente por trás dos sorrisos de boas maneiras, de forma que as turbulências sociais podem trincar as máscaras para o desprezo poder escorrer livremente pelas fissuras. É na lama cozinhada com frustração que o fascismo começa a emergir. “O que explica por que uma das características dos fascismos históricos tem sido o apelo às classes médias frustradas, desvalorizadas por alguma crise econômica ou humilhação política” (ECO, 1998, p. 23).

No *Ensaio*, Saramago elimina na forma de uma cegueira branca tudo o que um homem ocidental branco em seu pedestal gastaria, sem titubear, toda a vida para construir: Estado, dinheiro, propriedade, tecnologia, segurança, imprensa, artes, ciências – tudo é dissolvido em trevas brancas. Amontoados em um manicômio, encerrados em um perímetro guardado pelo assassinato policial, escassos de comida, impedidos de higiene e negados de atenção médica – indubitavelmente, os cegos estão mergulhados em um caldeirão fervente de frustrações. E por desprezo em compartilhar daquela miséria igualada, por desprezo e indisposição em iniciar novas maneiras de se relacionar uns com os outros e com o próprio Mundo foi que alguns cegos se organizaram em uma quadrilha com intuito de resguardar os últimos estilhaços de uma vida anterior que fora destruída pela cegueira.

O mal branco, ao tomar a visão e os próprios estratos de sujeição das pessoas, acaba por colocar os cegos diante de um enorme vazio de si próprios. Um vazio luminoso e branco que exige novas formas de se relacionar com a vida, novas formas de se guiar a existência, e é por desprezo ao medo, que sentem diante deste vazio, que os cegos quadrilheiros preferem garimpar os vestígios e cinzas das vidas anteriores e juntá-los com o lodo pegajoso do fascismo.

É por essa tentativa desesperada e perversa de se agarrar aos rastros daquilo que conheciam como homem que os cegos fascistas tentam ressuscitar o conceito de dinheiro e, por mais que lhes seja totalmente inútil uma moeda ou um rubi, exigem os bens de “valor” dos demais cegos em troca de comida; da mesma forma ressuscitam a burocracia fiscal na forma do cego que podia ler em braile.

A constituição de força armada é um ponto extremamente importante na biografia fascista dos cegos do manicômio desativado. A posse de um meio de infligir violência, seja pelos punhos unidos do grupo, por paus, pedras, ferros ou uma pistola, acopla cada fascista em um maquinário delirante de dominação, de luta contra os “outros”. Se o cego da pistola tivesse tomado outro comportamento e sozinho houvesse utilizado sua arma de fogo para tentar controlar os demais cegos, certamente a situação descambaria para um outro quadro autoritário que se distanciaria do fascismo. Mas ao seduzir os companheiros da camarata e montar uma milícia armada, o cego da pistola coloca para funcionar uma unidade de formação policial, um grupo de coerção sintonizado cujos membros não agem por medo ou por dever, mas por paixão inflamada à opressão e à segregação. Os cegos quadrilheiros não precisaram de camisas negras para agir como uma máquina alinhada de morte.

Se existe um deus, ele terá que implorar pelo meu perdão

Cercados exteriormente como estavam, os cegos do manicômio obviamente não possuíam maneiras de obter mais bem valiosos além dos que haviam trazido consigo e cuja maior parte já se encontrava em posse dos cegos malvados. De forma, que “Passada uma semana, os cegos malvados mandaram recado de que queriam mulheres. Assim, simplesmente, Tragam-nos mulheres” (SARAMAGO, 2007, p. 165).

A arrogância, a perversão, a animosidade dos cegos malvados ao exigirem mulheres como pagamento pela comida evidentemente indignou a todos. Que era de opinião comum que a exigência dos quadrilheiros constituía uma enorme indignidade, isso era certo; entretanto, como liame à moral da carne estava a necessidade imprescritível de se alimentar, de forma que, passado o tempo reservado a uma justa indignação, a questão foi revista em termos mais práticos e moralmente mais flexíveis: “Estamos todos em risco de morrer à fome, vocês e nós” (SARAMAGO, 2007, p. 166). Agarrados a totens comportamentais muitos cegos da primeira camarata impuseram em vão o debate, mas cada vez ficou mais perceptível que o clima da austeridade moral “não passava de umas quantas opiniões avulsas, nada mais que opiniões, pertencente a outro mundo, não a este” (SARAMAGO, 2007, p. 168).

Por fim, a primeira camarata, como as demais que possuíam mulheres, chegou à conclusão de que a única solução residia em as mulheres se submeterem aos cegos malvados. No dia seguinte, três cegos fascistas levaram alguns pães duros e carne bafienta e convocaram as mulheres. “Quando acabarem vão ter conosco, e acrescentou, Isto é se quiserem comer amanhã e dar de mamar aos vossos homens. Diziam estas palavras em todas as camaratas, mas continuavam a divertir-se tanto com a chalaça como no dia em que a tinham inventado” (SARAMAGO, 2007, p. 173). Ao que tudo parece, as piadas tardam a evaporar dos lábios quando ditas e celebradas com uma crueldade imbecil.

A quadrilha de cegos estava a arrastar consigo as linhas mais profundas da miséria de espírito, um sadismo já celebrado enquanto “Torciam-se de riso, davam patadas, batiam com os grossos paus no chão” (SARAMAGO, 2007, p. 173). Há um concreta encarnação daquilo que Spinoza denunciava como uma das piores práticas existentes: o riso de sátira do homem. Ali estava o bufão: aquele que ri do homem, que o vê como uma superfície pobre de profundidade. O mal, pode-se dizer inspirado em Hannah Arendt, desabrocha sua face real nas pequenas perversidades feitas no cotidiano, nos sadismos esfumaçados e tão banais de cada dia, pois o mal real é feito de pequenas burocracias e pequenos gestos que vão tornando o homem algo frívolo, um tecido supérfluo que se pode despedaçar sem remorsos, sem dores no coração, que se pode despedaçar até mesmo com um riso nos lábios.

“O Ur-Fascista transfere sua vontade de poder para questões sexuais” (ECO, 1998, p. 24). Há sempre um circuito mal resolvido entre sexualidade e violência numa formação fascista. É pela paixão ao agrupamento totalizante na esteira da coerção, pela hierarquização e desprezo pela diferenciação que o fascismo está sempre em vias com o machismo e a misoginia, condenando qualquer comportamento sexual estigmatizado como desviante em relação a uma conduta de macho branco heterossexual dominador.

“Durante horas haviam passado de homem em homem, de humilhação em humilhação, de ofensa em ofensa, tudo quanto é possível fazer a uma mulher deixando-a ainda viva” (SARAMAGO, 2007, p. 178). Por toda a noite as sete mulheres foram violentadas com

brutalidade pelos vinte cegos fascistas: uma atmosfera de pesadelo eterno. “As criaturas de fora olhavam de um porco para um homem, de um homem para um porco e de um porco para um homem outra vez; mas já se tornara impossível distinguir quem era homem, quem era porco” (ORWELL, 1994, p. 46).

A monstruosidade à qual as mulheres haviam sido submetidas só poderia ser chamada de inominável. “Mas faltam palavras para a dor. Deveria haver gritos, rachaduras, fissuras...” (WOOLF, 1986, p. 196). “Então pela primeira vez nos demos conta de que nossa língua não tem palavras para expressar esta ofensa, a destruição de um homem” (LEVI, p. 124).

Isto é um homem?

Primo Levi ao testemunhar seus dias em Auschwitz faz emergir uma questão perturbadora: que é um homem? Em outras palavras, podemos chamar de homem um ser que perde sua “humanidade”? Levi não aponta seu questionamento apenas na direção do policial nazi – àquela monstruosidade insensível, mecânica e assassina de suástica no uniforme; mas também aos prisioneiros – àquelas criaturas lançadas para além do limite humano do sofrimento, cuja esperança morria pouco a pouco no frio, na fome e na dor.

A ideia de humanidade é um pulso delirante combatido pela impetuosa epidemia de Saramago. O mal branco se investe como uma apoptose de uma humanidade universal – que em si não passa de uma hidra trocando de cabeças ou uma serpente trocando de pele, incorporando novas escamas de lei, moral e paranoias. Talvez a ideia de humanidade, tão cuidadosamente montada pelas mãos brancas do ocidente, já venha se decompondo desde o primeiro dia. Talvez haja alternativas mais humanas para se ser humano. Talvez as definições sejam mesmo limitações, como acusou Oscar Wilde, e as centralidades, erros, como pontuou Goethe. Talvez sempre tenhamos gastado tanto tempo martelando o homem em uma moldura que nunca tenhamos dado atenção devida às partes que sempre ficaram de fora – chifres, carapaças e tentáculos.

Outrora eu pensava que ser humano era o mais alto objetivo que um homem podia ter, mas vejo agora que isso se destinava a destruir-me. Hoje sinto orgulho em dizer que sou inumano, que não pertencço a homens e governos, que nada tenho a ver com crenças e princípios. Nada tenho a ver com a maquinaria rangente da humanidade – eu pertencço à terra! (MILLER, 2008, p. 234)

A humanidade renovada dos recifes borbulhantes não demora muito para ser uma sombria paisagem urbana, como se estivesse sempre se preparando para animar alguma tela de Meidner. O fascinante do *Ensaio* está em estancar essa humanidade de fungos rebrotados por uma força epidêmica indomável, como uma penicilina terrível. Como se poderá chamar de humano quem tenha sofrido a destruição mais perversa de sua humanidade? Como chamar de humano quem perdeu qualquer ponto de referência no mundo e que se tenha submetido às piores coisas

possíveis para simplesmente sobreviver? São humanos aqueles cegos que foram trancafiados no manicômio? Não, mas não que se tenham convertido em alguma besta, só que aquilo se aprendeu a se definir como humano já não serve.

Os cegos de Saramago se tornaram uma humanidade em aberto, uma não-humanidade, um forma sem fronteiras desenhadas, uma existência não padronizada em devir coletivo. A eles não serão feitas consecutivas regenerações de carne sob o mesmo esqueleto ruído, pois “as estirpes condenadas a cem anos de solidão não tinham uma segunda chance sobre a terra” (MÁRQUEZ, 2011, p. 447).

Quando destruir com as próprias mãos?

“O líder, que sabe muito bem que seu poder não foi obtido por delegação, mas conquistado pela força, sabe também que sua força se baseia na debilidade das massas” (ECO, 1998, p. 24). A formação da unidade autoritária armada em torno da figura do cego da pistola lançou sobre o manicômio um regime de inumanidades; a fome, as humilhações e os estupros verticalizaram ao máximo o fascismo em sua face sádica.

O líder dos cegos fascistas personifica a insensibilidade em sua maior profundidade. Havia um Rei (um rei mau) que teve o mais cruel dos sonhos. Diametralmente oposto a este cego da pistola, a mulher do médico concentra todas as sensibilidades – sensibilidades do mundo dos cegos e dos não-cegos – e carrega a mais pesada das responsabilidades: “A responsabilidade de ter olhos quando os outros os perderam” (p. 241). A capacidade de ver da mulher do médico a torna testemunha dos piores demônios que caminham naquela terra de cegos, “sou simplesmente a que nasceu para ver o horror, vocês sentem-no, e sinto-o e vejo-o” (p. 262).

Quanto sofrimento uma pessoa tem de passar para ultrapassar a si mesma e reagir com todas as forças? “Sim e quantos ouvidos um homem deve ter/Pra poder conseguir ouvir as pessoas chorarem?/Sim e quantas mortes serão necessárias até ele saber/Que pessoas demais morreram?/A resposta, meu amigo, está soprando no vento” (DYLAM, 2009).

Foi por responsabilidade de chumbo e recusa de uma cumplicidade silenciosa que a mulher do médico, ao quarto dia, quando os cegos malvados foram convocar as mulheres da segunda camarata, tomou uma tesoura e se juntou às outras quinze mulheres rumo à sede dos quadrilheiros. Cuidadosamente se pôs atrás do cego da pistola e violentamente baixou o braço com a lâmina. “A tesoura enterrou-se com toda a força na garganta do cego, girando sobre si mesma lutou contra as cartilagens e os tecidos membranosos, depois furiosamente continuou até ser detida pelas vértebras cervicais” (SARAMAGO, 2007, p. 185).

A cena avança numa profusão de sangue, gritos, desespero, disparos, corpos em choque; passa pelo cego da contabilidade tomando a pistola do morto e sua coroa ensanguentada, rei morto rei posto, e termina às lágrimas da mulher do médico já em sua camarata. “E quando é

que é necessário matar, perguntou-se a si mesma enquanto ia andando na direção do átrio, e a si mesma respondeu, Quando já está morto o que ainda é vivo” (SARAMAGO, 2007, p. 189).

Nos dias que se seguem ao assassinato do cego da pistola, nenhuma migalha de pão foi trazida pelos soldados e os cegos quadrilheiros barraram com oito camas a porta da sede. Nessa atmosfera de ressaca, de últimos vapores de resistência, foi a mulher do médico quem continuou a soprar a brasa pálida da esperança: “parecia impossível como esta mulher conseguia dar fé de tudo quanto se passava” (p. 196).

Como a comida não chegava, os cegos decidiram fazer uma investida de assalto à sede dos cegos malvados. Dezessete cegos, armados com ferros de cama, bem tentaram resistir, mas disparos efetuados pelo cego contabilista os alvejaram e os desbarataram. Entre mortos e feridos, entre amarguras e desesperos, uma figura sorrateira entrou na segunda camarata e remexeu nos pertences que trouxera até achar um pequeno isqueiro. Com o objeto na mão, a cega caminhou decidida pelo corredor até à sede dos malvados, chegou próximo à entrada barrada pelas camas e cuidadosamente começou a puxar para fora os cobertores, ajustou a chama do isqueiro em “um pequeno punhal de lume, vibrante como a ponta duma tesoura” (SARAMAGO, 2007, p. 206), e então atçou o fogo. O fogo lambeu os tecidos, cresceu e transformou-se em uma cortina ardente engolindo o corpo da própria cega do isqueiro, que seria silenciada antes dos algozes sentenciados. Tanto a mulher do médico quanto a cega do isqueiro inverteram a maré de opressão ao utilizar a violência, o assassinato, como forma de resistência. O cego da pistola e seus cúmplices disciplinados já estavam mortos por dentro? Era necessário cortar as linhas daquelas marionetes de terror?

Henry Miller (2006, p. 17) levanta uma questão extremamente perturbadora em seu *Pesadelo Refrigerado*: tomamos como legítimo certas defesas – do país, das instituições, etc., “mas existem coisas que não deviam ser defendidas, deviam ser deixadas para morrer; existem coisas que devíamos destruir voluntariamente, com as próprias mãos” (MILLER, 2006, p. 17). Desde sempre aprendemos o que defender, mas por que não se ensina o que devemos exterminar? Quando se deve destruir alguma coisa com as próprias mãos? Será que há mesmo vilarejos sobre a terra cujo total arrasamento faria do mundo um lugar melhor, como nos conta Lars von Trier em *Dogville* (2003)?

Quando a vida se quebra nas ondas

Grandes brutalidades banais são tornadas cruas entre os alegóricos espelhos de um *Ensaio sobre a cegueira*. O amargo dos dias de espera cansada, a impotência que implode os alicerces internos, a supressão de quem se é – são planícies desoladas que passam a se estender infinitamente dentro das personagens de Saramago.

O *Ensaio* nos fala de reis maus que construíram castelos em estepes assassinadas. Fala de maldições luminosas, de delírios de pólvora e de canções vermelhas, de masmorras malditas e maquinários de morte, de segundas peles e de pele nenhuma. Fala de histórias terríveis que não

morrem aos pés da fogueira. Todavia, entre os reinos em decomposição, soldados de armaduras enferrujadas e silêncios covardes, o *Ensaio* também nos fala de nômades e errantes. Fala de gente cuja fronteira vai além da pele e cujas almas vazam pelos poros. Subterrânea aos pântanos e aos campos de gelo, às estepes e aos desertos – subterrânea a toda terra posta para morrer: há vida espreitando para germinar. Mesmo onde as heras venenosas estrangulam os tijolos: há flores que se desprendem para habitar o vento.

Na história de uma noite atormentada pelo uivo de um lobo faminto também se ouve o desabrochar de discretas belezas noturnas. Olhe a noite, veja a escuridão, repare nas sombras. Entre os fantoches de carne, também se lê sobre os vivos – uma humanidade impura feita de toda uma gente agarrada à carruagem da tempestade no voo do crepúsculo. É bem verdade que a maldade tende aos grandes espetáculos e aos estrondosos aplausos, porém, quando se repara, é possível ver a bondade em pequenas gotas, como se ela só ousasse surgir no orvalho nos tempos de cegueira universal. José Saramago nos oferece, entre tantas misérias densas, um ensaio sobre bondades leves, resistências corajosas, fraternidades espontâneas. Repare, entre os labirintos sombrios da caverna há um *Ensaio* sobre a ética e sobre a vida.

Junto aos cegos da primeira camarata, nos quais se concentram as descrições do romance, podemos acompanhar um processo duro de descobrimento de si, dos outros, do mundo. O médico, a esposa do médico, a rapariga de óculos escuros, o velho da venda preta, o primeiro cego, a esposa do primeiro cego, o menino estrábico – um microcosmo humano em uma terra de cegos, formigueiro num aquário. “Através de choques intermitentes, rápidos como os saltos de um tigre, a vida emerge do mar, tecendo a sua crista escura” (WOOLF, 1981, p. 36).

Todo o *Ensaio* está habitado, entre os interstícios das alegorias, por outras formas de estabelecer conexão com a Vida, por pequenos atos de superação das servidões em direção ao conhecimento da natureza, num sentido spinozista. É nesses flashes de relâmpago que se vê a vida em movimento desnudado, a liberdade como prática dos próprios corpos – não concedida ou surrupiada, simplesmente vivida. O cego de Saramago precisa colocar seu corpo e espírito em um constante campo de batalha, precisa travar lutas com todas as forças, internas e externas, para passar a pensar em liberdade. Essa alma cega que se aventura em planícies de desolação passa a se desdobrar em multiplicidades. É preciso ser um outro, deixar fluir um novo de si mesmo, voar, correr, rastejar. A melodia do deserto se faz por desarranjos.

O *Ensaio* narra uma gente que precisa compor a si própria por um mosaico de forças, que vai buscar liberdade nos impactos de si consigo mesmo. Foucault (1990) nos diz exatamente isso quando fala de ética ao recuperar o encontro agonístico dos gregos antigos: o encontro combatente de forças ativas e reacionárias de si para consigo na composição de uma estética da existência. A produção de uma vida bela requer o pensamento em suas velocidades de tempestade.

As pequenas produções de uma vida outra despontadas pelo *Ensaio* dão-lhe uma beleza profunda. Para o cego de Saramago há uma urgência sempre presente: é preciso, de alguma forma, acreditar num futuro. Uma das mais fascinantes cenas desse romance de Saramago é justamente aquela que precede a mais desumana delas. Na noite anterior ao dia em que as mulheres da primeira camarata se entregariam aos cegos malvados há a liberação de uma linha de vida totalmente nova: a prática sexual como liberdade dos corpos. Numa profusão de corpos, mulheres e homens se entregam ao prazer sensível das misturas de corpos – não aos encontros casuais das afecções acidentais, mas o encontro afirmado em uma profunda conduta para exercitar o afeto da liberdade no calor das peles. “O meu corpo vive uma vida que é só dele” (WOOLF, 1981, p. 35).

O surgimento de novas linhas de conhecimento e de potências de viver irrompe com frequência mais intensa e numerosa no romance depois que um pequeno grupo de cegos da primeira camarata deixa para trás as cinzas do manicômio desativado. Aquele grupo incomum passa a vagar como uma matilha de lobos, mesmo ninguém ali sendo lobo. Acompanhamos um grupo que não apenas sintonizou novas misturas dos próprios corpos agenciando um devir na ativação de afetos, mas também um grupo que passa a conhecer as misturas com outras forças que vêm de fora, com as intensidades de uma natureza vasta e profunda.

Essa linha extraordinariamente poderosa de conhecimento da natureza – que é o legítimo estabelecimento de uma ética spinozista, é ilustrado com toda beleza nas páginas do *Ensaio* que retratam o banho das mulheres na tempestade. Durante a madrugada tempestuosa a mulher do médico simplesmente desperta, “a chuva estava a dizer-lhe Levanta-te” (p. 265). Lançou-se na chuva, encharcou-se da cabeça aos pés, decidiu captar a água dos céus com todas as vasilhas que encontrasse na cozinha, e “pôs-se a lavar as roupas ao mesmo tempo que a si própria” (p. 265). A mulher encharcada então percebe que a rapariga de olhos escuros e a mulher do primeiro cego apareceram na porta da varanda: “que pressentimentos, que intuições, que vozes interiores as teriam despertado não se sabe” (SARAMAGO, 2007, p. 266); a mulher do médico pede ajuda e manda que as outras duas tirem as roupas e entrem na chuva para acompanhá-la.

Talvez no prédio em frente, por detrás daquelas janelas fechadas, alguns cegos (...) viam cair a chuva do céu. Não podem imaginar que estão além três mulheres nuas como vieram ao mundo, parecem loucas, devem de estar loucas, pessoas em seu perfeito juízo não se vão pôr a lavar numa varanda expostas aos reparos da vizinhança, menos ainda naquela figura, que importa que todos estejamos cegos, são coisas que não se devem fazer, meu Deus, como vai escorrendo a chuva por elas abaixo, como desce entre os cheios, como se demora e perde na escuridão da púbis, como enfim alaga e rodeia as coxas, talvez tenhamos pensado mal delas injustamente, talvez não sejamos é capazes de ver o que de mais belo e glorioso aconteceu alguma vez na história da cidade. (SARAMAGO, 2007, p. 266)

Uma cena entre os véus mais finos da natureza: “três graças nuas sob a chuva que cai” (SARAMAGO, 2007, p. 267), três mulheres transformando a tempestade em afeto. Bergson dizia que o vivente era aquele que transformava os obstáculos em meio – certamente as três mulheres encharcadas transformaram as carícias e flagelos da chuva em um meio para percorrermos com intensidade seus próprios corpos, para se misturarem umas às outras e à natureza num intenso evento da Vida, desabrochado numa varanda qualquer, durante as tormentas do céu.

Uma cena bela de afetos surgindo e percorrendo a maquinaria dos corpos como fluxo de calor: “ensaboam o cabelo e as costas umas às outras, e riem como só riam as meninas que brincavam à cobra-cega no jardim” (SARAMAGO, 2007, p. 268). A pele superaquecida e a chuva fria combinam-se num ritual de infiltração aos subsolos do Ser enquanto se borrifam as cores e matizes de uma existência como obra de arte. É desta forma que se vive corajosamente ao “tornar o presente mais suportável” (GOETHE, 1999, p. 13)

É surpreendente como o romance desnuda uma natureza a ser experimentada como um campo semeado de intensidade, de corpos em misturas com corpos, de forças subjugando forças – um imenso maquinário cujas engrenagens são postas a ranger por uma corrente viva que não se sabe muito bem de onde vem, mas que persiste, que avança, só se sabe que deseja viver. Os cegos precisam tomar parte dessa força indomável e torná-la ação de seus corpos. É preciso produzir uma vida que deseja viver.

A terra não adormece quando os ventos chegam com os dentes afiados, quando o mar se lança em rebentos de fúria suicida ou céu cai em torrentes negras. A terra bombeia magma pelos corações vulcânicos e traz do fundo da garganta terremotos ensurdecedores porque sabe que o indomável se combate com o indomável. Por mais impiedosas e belas que sejam as forças que vêm de fora, aquele que vive sempre traz de dentro de si algo tão terrível quanto.

O *Ensaio* nos conta de uma gente esfarrapada que descobriu que dentre as forças que vêm de dentro a mais impiedosa é o desejo – o nômade indomável da alma que abre caminho aos gritos. A cegueira destruiria a humanidade se uma força maior não surgisse para combatê-la. Essa força monstruosa não só é buscada nos outros e na natureza, mas dentro de si próprio. Os cegos estão a compor seu “eu de granito” (NIETZSCHE, 2001). É preciso buscar forças terríveis quando se vive uma natureza impiedosa, é preciso sempre fazer de seu corpo um maquinário sintonizado de resistência. “Na vida real é sempre a bigorna que quebra o martelo” (ORWELL, 1946 – tradução livre).

O conhecimento de si, dos outros e do mundo não são evidentemente a mesma coisa, entretanto, são viveres ressonantes que não cessam de habitar uns e outros, são modos singulares de um mesmo processo de Ser. Os cegos da primeira camarata passam a se cultivar cada vez mais como homens da natureza, desenvolvendo o que Nietzsche chamava de paixão – ou o que

Spinoza chamava de afeto “enquanto ideia clara e distinta”; de qualquer forma trata-se de uma potência de existência sobreposta e hibridamente composta de partículas de contribuições no descobrimento partilhado de um outro modo de viver, de se tornar o que se é. “Que alguém se torne o que é pressupõe que não suspeite sequer remotamente o que é” (NIETZSCHE, 2004, p. 48).

Essa convivência é perpassada de renúncias e sacrifícios, não por via de escassez ou purificação, mas por incompatibilidade de forças, tudo o que não se funde ao viver do grupo apaixonado passa a pouco a pouco a abandoná-los. Os corpos de afetos ativos e apaixonados pela vida tornam este desejo tão potente que por ele se sacrificam outros instintos. Os sacrifícios pessoais e coletivos se moldam como o ligamento entre toda a gente do grupo. O que estabelece conexão entre o grupo não é o ente sendo sacrificado pelo coletivo, mas o ente que se sacrifica em coletivo. Trata-se de uma inversão muito profunda na forma de estabelecer relações: a corajosa afirmação de si pela desindividualização.

A grande problematização do *Ensaio* nunca foi remendar os cacos de uma humanidade estilhaçada, de repensar confortavelmente questões com os pés em anteparos firmes – o que o *Ensaio* problematiza é o tráfego corajoso por outras linhas de pensamento que façam o conceito de humanidade vazar pelas bordas. “Disseste que há grupos organizados de cegos, observou o médico, isso significa que estão a ser inventadas maneiras novas de viver” (p. 245).

Há uma verdadeira jornada, múltipla e singular, companhias e solidões de um formigueiro densamente habitado. Estes tempos de cegueira universal parecem exigir dos que vivem a arte de uma nova exploração: não aquela que oscila entre desejo e tédio, e sim aquela que se dá “quando ele, o explorador, é ao mesmo tempo o país obscuro a explorar e onde todo o seu equipamento de nada lhe servirá. Explorar? Não apenas explorar: criar” (PROUST, 2006, p. 72).

É preciso viver os dias. Os dias vêm e vão, uns como casca de chumbo, outros como pele de estanho. Outros ainda são o aço de martelos e espadas, ferro que esmaga armaduras cobreadas. Os dias se confundem, se fundem na liquidez do mercúrio. De alguma forma os dias são de metal – uns são correntes, outros são armas.

O *Ensaio* é a jornada de outros dias pelo mesmo mundo. “Agora, as paixões que antes descansavam junto às algas escuras vêm à superfície, alarmando-nos com o barulho provocado pelo rebentar das suas ondas” (WOOLF, 1981, p. 80).

Referências

BENJAMIN, Walter. **Origem do drama barroco alemão**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BOB DYLAN. **Blowin' in the Wind**. Álbum: Freewheelin' Bob Dylan, 2009.

CAMUS, Albert. **A peste**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2017.

CAMUS, Albert. **O Homem Revoltado**. Rio de Janeiro, Record, 1999.

DOGVILLE. França, 2003. 177 min. Direção: Lars Von Triers. Distribuição: Lions Gate Entertainment / California Films.

ECO, Umberto. **Cinco Escritos Morais**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro. Graal, 1990.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GUATTARI, Félix. **Revolução Molecular**. São Paulo, Brasiliense, 1987

GOETHE, Johan Wolfgang von. **Os sofrimentos do jovem Werther**. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.

KAFKA, Franz. **A Metamorfose**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

KAFKA, Franz. **O processo**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

MÁRQUEZ, Gabriel García. **Cem anos de solidão**. São Paulo: Nepomuceno, 2011.

MILLER, Henry. **Pesadelo Refrigerado**. São Paulo: Francis, 2006.

MILLER, Henry. **Trópico de Câncer**. São Paulo: José Olympio Editora, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **A Gaia Ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

-----. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

-----. **Aurora**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

-----. **Ecce Homo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

ORWELL, George. **A revolução dos bichos**. São Paulo: Globo, 1994.

ORWELL, George. **Politics and the English Language**, 1946.. Disponível em: <http://www.resort.com/~prime8/Orwell/patee.html>. Acesso em 20/10/2019

PLATÃO. **A República**. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

PROUST, Marcel. **Em Busca do Tempo Perdido: No Caminho de Swann**. 15º edição. São Paulo: Globo, 2006.

SARAMAGO, José. **Discurso da solene investidura como Doutor Honoris Causa na Universidade de Salamanca**. Madrid, 2007

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.

WOOLF, Virginia. **As ondas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.